

FESTA DA PENHA 2024

MISSA DAS PASTORAIS SOCIAIS

Queridos irmãos e queridas irmãs, como é bom nos reunirmos na casa da Mãe, no alto da colina de Nossa Senhora da Penha, Mãe de Deus e do Povo Capixaba!

Confesso que presido esta Eucaristia com muita reverência, temor e até tremor, justamente porque sabendo-me indigno de fazê-lo. Dito isso, saúdo o Pe. Kelder, Vigário Episcopal para a Ação Social, Política e Ecumênica, que deveria fazê-lo por direito, mas por generosidade delegou a mim, juntamente com os padres, diáconos, seminaristas, religiosas, etc.

Ao iniciar, gostaria de partilhar algo com vocês: desde que descobri a vocação para ser padre que sonhava em Presidir a Missa das Pastorais Sociais na Festa da Penha. Desde adolescentezinho, há mais de 20 anos, todos os anos aqui estive. Primeiro, participando como agente de pastoral leigo, depois servindo na liturgia como seminarista, nos últimos dois anos concelebrando já como padre e, agora, tendo a graça imerecida de presidi-la. Muitos de vocês me viram crescer em estatura ao longo desses anos, quero dizer-lhes o quanto foram importantes ao nutrirem todos os dias a minha fé por meio do testemunho fiel que dão, com generosidade.

Como disse Santa Tereza de Calcutá: “as mãos que ajudam são mais santas do que os lábios que rezam”. Evidentemente, isso não é um desprezo à oração, que para ela e para nós é algo fundamental, mas um reconhecimento inequívoco de que a fé sem obras é morta (Tg 2,17). Vocês me ensinaram e ensinam diuturnamente a todas as pessoas que têm o coração aberto para acolher o Evangelho de Jesus que o amor não é abstrato, palavras piedosas ao vento enjoam a Deus, não o agradam, mas é concreto, se manifesta pelas obras, sempre em ações, em movimento. Ou não é amor.

Por isso, quero homenagear e agradecer a Deus por cada santa e venerável mão que, impulsionada pelo Espírito de Amor, que é o Espírito do Ressuscitado, é estendida para o próximo. Emociona-me imaginar quantas crianças foram salvas e quantas gestantes cuidadas pelas mãos da Pastoral da Criança; quantas mãos estendidas através das grades e quantos dedos foram colocados em riste contra a tortura e o encarceramento em massa, pela Pastoral Carcerária; quantas crianças abandonadas foram acolhidas pelas mãos da Pastoral do Menor; quantos doentes foram visitado, confortados e esperançados pelas mãos da Pastoral da Saúde; quanta dignidade aos irmãos em situação de rua foi reestabelecida pelas mãos que erguem os caídos da Pastoral do Povo de Rua; quantos irmãos escravizados pelo vício foram libertados pelas mãos da Pastoral da Sobriedade;

quantos direitos foram conquistados por meio dos punhos cerrados da Pastoral Operária; quantos idosos abandonados na vida dos quais as mãos da Pastoral da Pessoa Idosa foi presença; quantas crianças, jovens, adultos e idosos vivendo com HIV que foram conduzidos aos tratamentos pelas mãos da Pastoral da AIDS; quantas vidas foram transformadas pelas mãos dos projetos sociais; quantas lutas por dignidade humana foram tecidas e travadas pelas mãos do Fórum Igreja e Sociedade; quantas sementes do Evangelho e de Doutrina Social da Igreja foram plantadas pelas mãos da Escola de Fé e Política; quantas iniciativas de promoção da justiça e da paz foram tomadas pelas mãos da CPDH; quantas mãos que se estendem para servir a mesas dos pobres na Campanha Paz e Pão... Enfim, quanto amor de Deus foi plantado! Deus seja louvado por isso!

Eu sei, irmãos e irmãs, que tantas vezes fomos considerados imanentistas, sem espiritualidade, populistas, comunistas, mundanos e tantos outros termos, por falarmos e nos empenharmos na libertação dos pobres. O nosso consolo está no fato de que tantos santos que nos precederam receberam os mesmos ataques. Aliás, o próprio Jesus sofreu por causa de seus compromissos e hoje o Papa Francisco também recebe as mesmas acusações que nós (Cf. *Gaudete et Exsultate* 101). Não obstante, para nos preparar, disse Jesus: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus; bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo, falarem todo mal contra vós por minha causa” (Mt 5,10-11).

Se hoje pesa suspeita contra quem está ao lado dos pobres, na lógica do Evangelho deveria ocorrer justamente o contrário. Isto é, devemos dizer abertamente, se há algum leigo que não coloque a libertação dos pobres no centro de suas preocupações e de sua práxis, não aderiu plenamente ao Evangelho ainda. Se há algum ministro ordenado (padre, diácono) que não coloque os pobres no centro da sua pregação e da sua prática pastoral, não aderiu plenamente ao Evangelho ainda. A conversão cristológica é simultaneamente para cima e para baixo, para o Pai e para os preferidos de Deus, os pobres. Disse certa vez o Papa Bento XVI: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica”. Isto é, não é possível aderir verdadeiramente a Cristo sem assumir a sua opção fundamental, a opção preferencial pelos pobres, parte fundamental da nossa fé cristológica. Se hoje se olha com olhares de condenação para os padres que falam dos pobres, é preciso sim nos preocuparmos com os padres que não falam deles, porque ainda não pregam o Evangelho em sua inteireza. Podem estar pregando autoajuda, podem estar pregando um outro deus, mas o Deus revelado em Cristo Jesus, não. Se hoje se olha com preconceito para os leigos que atuam pelos pobres, sob a acusação de falta de

espiritualidade, devemos sim questionar que espiritualidade é essa de quem é indiferente aos pobres. Não conhecem a Deus.

Nesse sentido, a liturgia de hoje nos ajuda muito a compreender nossa missão, como agentes de Pastoral e discípulos fieis de Jesus Cristo, inspirando-nos no exemplo das mulheres que encontramos nas Sagradas Escrituras. Na Primeira Leitura e no Salmo fica evidente a importância de Judite e de Esther na história do Antigo Israel. A primeira, uma bela e jovem viúva, decapitou o general assírio Holofernes, que ameaçava dominar Israel, defendendo o seu povo. Esther, a segunda, é a rainha concubina do rei Xerxes, que intercedeu pela vida do seu povo, abrindo mão de promessas de riquezas e poder, em prol de mais vida para os seus. Ambas, mulheres destemidas, colocaram sua vida em risco, depositando a confiança em Deus, para o bem do seu povo. Aqui também estão, tantos agentes de pastoral, em grande número mulheres, que defendem com palavras, intercedem na oração e dão a sua vida com suor e, se necessário, até sangue, pelo seu povo. É belo reconhecermos que permanecemos sendo Povo de Deus e de continuarmos à serviço do mesmo Povo de Deus, especialmente nos seus membros mais pobres. O nosso projeto é o projeto de vida para todos e todas, pois somos crentes no Deus da Vida!

O trecho do Evangelho de Lucas, que escutamos, tem como contexto dois modelos de resposta à Deus, o evangelista nos apresenta em paralelo: Zacarias, religioso ideal de seu tempo, homem adulto, sacerdote, seguidor rigoroso da Lei e no momento da epifania de Deus estava no próprio Santo dos Santos, lugar mais sagrado do Templo, em Jerusalém (Lc 1,20); em oposição, Maria, uma menina-mulher, leiga, pobre, vinda de Nazaré, aldeiazinha da Galiléia dos vencidos, mas que visitada acredita e acolhe a Palavra de Deus, que é Jesus Cristo (Lc 1,38.45).

Jesus certa vez dissera ao Pai: “escondeste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos” (Lc 10,21). A própria Maria reconhece isso, pois como era “cheia de graça” (Lc 1,28), visitada pela sombra do Espírito Santo e conduzida por Ele (Lc 1,35), entra na casa de Zacarias, que era o dono de acordo com a cultura e o direito patriarcal, mas saúda Isabel. Esta, mesmo que talvez tivesse algumas posses e fosse esposa de sacerdote, era pobre, pois idosa e infértil. Portanto, discriminada pela lei e cultura judaica, considerada até amaldiçoada por Deus. Mas, esta que era considerada estéril, já estava no sexto mês de gravidez, pelo poder de Deus. Que encontro, meus irmãos e minhas irmãs, uma mulher estéril e outra virgem, ambas dispostas a colaborar corajosamente com o projeto salvador de Deus.

Somos inspirados, especialmente, pela figura de Maria, que contraste com os poderosos deste mundo. Ela assumiu a missão mais importante de toda a história da humanidade, de ser Mãe do Salvador. Enquanto os donos deste mundo tem o “rei na barriga”... como não se lembrar do já clássico da cultura brasileira “você sabe com quem está falando?”. Parece que a esses donos do mundo é permitido sair em alta velocidade de carro de madrugada, talvez bêbado, e matar alguém, basta estar dirigindo um Porsche. Parece que é permitido estuprar uma mulher, sozinho ou coletivamente, basta ser famoso e ter dinheiro pra pagar a fiança. Parece que se for super rico, é permitido defraudar o Estado brasileiro no maior escândalo financeiro da história, o das Americanas, portanto roubando dos pobres. Parece, portanto, que o verdadeiro crime é ser pobre. Não é crime matar, estuprar ou defraudar, ao menos quando se é rico, quando se tem o “rei na barriga”. Isso fica explícito quando olhamos para as cadeias, quase todos pretos, pobres, moradores de periferia e com baixa escolaridade. Mas, aquela que recebeu o próprio Deus na barriga, o Verbo que se fez carne e habitou entre nós, não se fez soberba. Ao contrário, se reconhece como humilde e, justamente por isso, levantou-se e foi APRESSADAMENTE servir a sua prima que precisava dela.

Quem tem o “rei na barriga” oprime o pobre. Quem é engravidado pelo Espírito de Deus, como o fora Maria Santíssima, se coloca para servir aos pobres. Não há como servir a dois senhores. E aqui estão, tantos agentes de pastoral, especialmente tantas mulheres leigas como Maria, que não se acomodam e percorrem tantas ruas, vielas e favelas, passando em tantas regiões tortuosas, com o senso de urgência que brota do Evangelho, para se colocar à serviço. Podemos dizer que existem aqui três traços da espiritualidade mariana: 1. Senso de urgência; 2. Inconformismo; e 3. Disponibilidade para servir aos mais pobres. Tudo isso, claro, como obra do Espírito. É Ele que suscita, que conduz e que é o Pai dos Pobres. Quem está na comunhão do seu Amor, manifesta as suas obras de amor.

Em Maria e em Isabel se manifestou o projeto de Deus: nas entranhas de Isabel é gestado o precursor, encerrando a antiga aliança, que preparou a vinda do Messias, Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado nas entranhas de Maria, a Nova Eva, Mãe da humanidade recriada, que nos legou uma nova e eterna Aliança. Isabel encerra o passado, o povo da Antiga Aliança; Maria prefigura o futuro, a Igreja nascente, pura, sem mancha, plena de vida e de esperança. Elas se encontram, se complementam e se alegram, porque sabem que Deus as escolheu para ajudar no Plano da Salvação.

O mesmo Plano de Salvação chega até nós. Tudo começa, no entanto, com um feliz encontro. Isabel sabia que a salvação havia entrado em sua casa porque a criança em seu ventre saltou de alegria, exultou. Essa alegria do Evangelho que deve nos mover, até para enfrentarmos tantos momentos difíceis. Nós, tal como Isabel, estamos aqui hoje alegres por servos visitados por Maria, Mãe do Salvador que nos aponta para as alegrias da Ressurreição, bem como pelo Seu Filho Ressuscitado. Maria foi bem-aventurada porque acreditou. Nós precisamos acreditar em Deus, mas também no projeto que brota dele, o Reino de Justiça e Paz, um novo céu e uma nova terra, como predito pelos lábios de Maria.

Assim, Maria anuncia no seu canto Magnificat o Reino que virá em plenitude pelo Poder de Deus, mas que já está no meio de nós, pois inaugurado por Cristo Jesus, e que cresce conforme respondamos a ele, através da nossa mente, do nosso coração, das nossas mãos. O Reino que começa com os humildes, não para neles, mas nunca crescerá sem eles, por isso que Maria tem lugar central. É fácil reconhece-la como bem-aventurada, o faremos de geração em geração até o fim dos tempos. Mas, por que é tão difícil assumir o projeto de Deus, anunciando em seu Canto? Por que parece tão santo, espiritual e piedoso ressaltar a humildade e a bem-aventurança de Maria, fatos incontestes para nós, mas não o é lembrar que o Reino que ela anunciou é um Reino de misericórdia que se estende a todos e que dispersa os soberbos, derruba do trono os poderosos, eleva os humildes, enche de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias?

Claro que sabemos da linguagem semítica e que, portanto, essas oposições e polarizações são colocadas de modo radical. No entanto, é imprescindível não ignorarmos o sentido do texto. Isto é, no projeto de Deus a economia deve estar a serviço da vida, como diz o Papa Francisco, não a vida a serviço da economia. Pois, “esta economia mata”. É preciso superá-la. Isto é, não é aceitável que tanta riqueza esteja na mãos de uns poucos, enquanto a maioria passe necessidades. Não se trata de inverter os papéis, que os pobres fiquem ricos e os ricos fiquem pobres, o que nem seria possível. Ainda mais no capitalismo, os ricos sempre são muito poucos e os pobres sempre são muitos. Trata-se de viver segundo o princípio da Destinação Universal dos Bens, da Doutrina Social da Igreja, isto é, de que tudo aquilo que foi Criado por Deus esteja à disposição da sua criação feita à sua imagem e semelhança, isto é, cada ser humano, sem excetuar nenhum. Portanto, enquanto houver um pobre, um faminto, uma mulher violentada, um encarcerado, isto é, um dos nossos irmãos menorzinhos, continuaremos lutando e sonhando por um mundo novo.

Isso porque, como ouvimos na segunda leitura, somos todos e todas filhos de um mesmo Deus que é *Abbá*, isto é, Pai, ou melhor papaizinho. Unidos a Ele, por meio de Cristo Jesus, pela força do Espírito do Ressuscitado, somos feitos todos irmãos e irmãs. Como insistiu conosco a Campanha da Fraternidade deste ano, se assumimos um mesmo Papaizinho no céu, assumimos também cada pessoa deste mundo com irmãos, especialmente os nossos irmãos menores, nossos irmãozinhos. Renunciar a um deles se quer seria renunciar a próprio Deus *Abbá-Pai*.

Temos um Papaizinho no céu, temos também uma Mãe, Maria Santíssima, temos aqui na terra uma multidão de irmãos, muitos deles irmãozinhos. Que tenhamos a mesma coragem profética de Maria, para irmos apressadamente servi-los! Que tenhamos mesma coragem profética de Maria para denunciar cada soberbo, opressor e super rico deste mundo, que sejamos para todos eles uma ameaça, uma pedra de tropeço e um sinal de contradição! Que o Reino de igualdade, justiça e paz, que há de vir, venha a cada dia por nossas mãos e nossa adesão ao Reino de Deus! Irmãos e irmãs, é o que o somos como cristãos! Uma mesma Mesa, um mesmo Papaizinho, uma mesma Mamãezinha. Construamos este mundo que brota da mesa da Eucaristia, um mundo de iguais, um mundo de irmãos e irmãs!

Viva as Pastorais Sociais!

Viva Nossa Senhora da Penha!!

Viva o Cristo Ressuscitado!!!